

STEPHEN
KING

ACHADOS
E PERDIDOS

Tradução

Regiane Winarski



Copyright © 2015 by Stephen King
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Finders Keepers

Imagen de capa
Sam Weber

Preparação
Ana Carolina Vaz

Revisão
Carmen T. S. Costa
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

King, Stephen
Achados e perdidos / Stephen King ; tradução
Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma de
Letras, 2016.

Título original: Finders Keepers
ISBN 978-85-5651-007-5

i. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana.
I. Título.

16-02594

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

i. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORARIA SCHWARCZ S.A.
Rua Cosme Velho, 103
22241-090 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 2199-7824
Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Pensando em John D. MacDonald

“É mergulhando no abismo que recuperamos
os tesouros da vida.”

Joseph Campbell

“Essa merda não quer dizer merda nenhuma.”

Jimmy Gold

PARTE 1: TESOURO ENTERRADO

1978

— Acorde, gênio.

Rothstein não queria acordar. O sonho estava bom demais. Mostrava sua esposa meses antes de se tornar sua primeira esposa, com dezessete anos e perfeita dos pés à cabeça. Nua e cintilando. Os dois nus. Ele, com dezenove anos, tinha graxa debaixo das unhas, mas ela não ligava, ao menos não na época, porque a cabeça dele estava cheia de sonhos, e era com isso que ela se importava. Ela acreditava nos sonhos ainda mais do que ele, e estava certa em acreditar. Naquele sonho, ela estava rindo e esticando a mão para a parte dele que era mais fácil de pegar. Ele tentou se aprofundar no sonho, mas alguém começou a sacudir seu ombro, e o sonho estourou como uma bolha de sabão.

Ele não tinha mais dezenove anos nem morava no apartamento de dois cômodos em Nova Jersey. Estava a seis meses do octogésimo aniversário e morava em uma fazenda em New Hampshire, na qual seu testamento especificava que devia ser enterrado. Havia homens no quarto dele. Usavam máscaras de esqui, uma vermelha, uma azul e uma amarelo-canário. Ele notou isso e tentou acreditar que era apenas mais um sonho, que o que antes era agradável havia se transformado em pesadelo, como acontecia às vezes, mas a pessoa soltou seu braço, segurou seu ombro e o jogou no chão. Ele bateu a cabeça e deu um grito.

— Pare com isso — disse o homem de máscara amarela. — Quer que ele desmaie?

— Olha só. — O de máscara vermelha apontou. — O velhote está duro. Devia estar tendo um sonho e tanto.

Máscara Azul, o responsável por sacudi-lo, disse:

— É só vontade de mijar. Nessa idade, nada mais faz levantar. Meu avô...

— Cala a boca — disse Máscara Amarela. — Ninguém liga para o seu avô.

Apesar de atordoado e ainda envolto em um leve véu de sono, Rothstein sabia que estava encrocado. Duas palavras surgiram em sua mente: *invasão domiciliar*. Ele olhou para o trio que se materializara em seu quarto, com a cabeça velha doendo (ele ficaria com um hematoma enorme na lateral direita, graças aos anticoagulantes que tomava) e o coração com as paredes perigosamente finas batendo no lado esquerdo do peito. Os homens ficaram de pé junto a ele, os três usando luvas, jaquetas xadrez e balaclavas horríveis. Invasores de domicílio, e ali estava ele, a oito quilômetros da cidade.

Rothstein organizou os pensamentos da melhor forma possível, afastou o sono e disse para si mesmo que havia pelo menos uma coisa boa naquela situação: se eles não queriam que visse seus rostos era porque pretendiam deixá-lo vivo.

Talvez.

— Cavalheiros — disse ele.

O sr. Amarelo riu e fez sinal de positivo para ele.

— Bom começo, gênio.

Rothstein assentiu, como se tivesse recebido um elogio. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira, viu que eram duas e quinze da manhã e encarou novamente o sr. Amarelo, que talvez fosse o líder.

— Tenho pouco dinheiro, mas podem ficar à vontade. Só peço que vão embora sem me machucar.

O vento soprou e empurrou as folhas secas de outono pela lateral oeste da casa. Rothstein estava ciente do aquecedor ligado pela primeira vez no ano. O verão não tinha sido ontem?

— De acordo com nossas fontes, você tem bem mais do que um pouco — disse o sr. Vermelho.

— Shh. — O sr. Amarelo ofereceu a mão para Rothstein. — Levanta, gênio.

Rothstein aceitou a mão, se levantou lentamente e se sentou na cama. Ele respirava com dificuldade, mas estava bem ciente (a autopercepção fora uma maldição e uma bênção durante toda a sua vida) da imagem que devia oferecer: um velho com pijama azul frouxo, o cabelo se restringindo a tufo acima das orelhas. Isso foi o que sobrou do escritor que, no ano em que JFK se tornou presidente, apareceu na capa da revista *Time*: JOHN ROTHSTEIN, O GÊNIO RECLUSO DOS EUA.

Acorde, gênio.

— Recupere o fôlego — disse o sr. Amarelo. Ele pareceu solícito, mas Rothstein não lhe deu confiança. — Depois, vamos para a sala, onde as pessoas normais conversam. Demore o tempo que precisar. Fique calmo.

Rothstein respirou lenta e profundamente, e seu coração se acalmou um pouco. Ele tentou pensar em Peggy, com os seios pequenos (mas perfeitos) e as pernas longas e macias, mas o sonho estava tão distante quanto a própria Peggy, agora uma velha que morava em Paris. Com o dinheiro dele. Pelo menos Yolande, seu segundo esforço em prol da alegria marital, estava morta, o que botaria um fim à pensão.

Máscara Vermelha saiu do quarto, e Rothstein ouviu barulhos vindos do escritório. Alguma coisa caiu. Gavetas foram abertas e fechadas.

— Está melhor? — perguntou o sr. Amarelo, e quando Rothstein assentiu: — Então venha.

Rothstein se deixou levar para a pequena sala de estar, acompanhado pelo sr. Azul à esquerda e o sr. Amarelo à direita. No escritório, a busca prosseguia. Em pouco tempo, o sr. Vermelho abriria o armário, afastaria os dois casacos e três suéteres e deixaria o cofre à mostra. Era inevitável.

Tudo bem. Desde que deixem os cadernos. E por que eles os levariam? Bandidos assim só estão interessados em dinheiro. Não devem nem ler nada mais complicado do que a seção de cartas de revistas masculinas.

Mas ele não tinha certeza quanto ao homem da máscara amarela. Ele parecia estudado.

Todas as lâmpadas da sala estavam acesas, e as persianas não estavam fechadas. Vizinhos acordados talvez se perguntassem o que estava acontecendo na casa daquele velho escritor... se ele tivesse vizinhos. Os mais próximos ficavam a três quilômetros de distância, na estrada principal. Ele não tinha amigos nem recebia visitas. Qualquer vendedor ocasional era expulso na mesma hora. Rothstein era um sujeito velho e peculiar. O escritor aposentado. O ermitão. Pagava seus impostos e era deixado em paz.

Azul e Amarelo o levaram até a poltrona virada para a TV que mal assistia e, como ele não se sentou imediatamente, o sr. Azul o empurrou para baixo.

— Calma! — disse Amarelo com rispidez, e Azul deu um passo para trás, resmungando. O sr. Amarelo era o líder. O sr. Amarelo era o mandachuva.

Ele se inclinou na direção de Rothstein, as mãos apoiadas nos joelhos da calça de veludo.

— Quer uma dose de alguma coisa para se acalmar?

— Se você está falando de álcool, parei vinte anos atrás. Ordens médicas.

— Que bom. Vai a reuniões?

— Eu não era *alcoólatra* — disse Rothstein com irritação.

Era loucura ficar irritado em uma situação daquelas... ou não? Quem saberia como agir depois de ser arrancado da cama no meio da noite por homens usando máscaras de esqui coloridas? Ele se perguntou como escreveria uma cena daquelas e não teve ideia; ele não escrevia sobre situações assim.

— As pessoas acham que todo escritor homem e branco do século XX só pode ser *alcoólatra*.

— Tudo bem, tudo bem — disse o sr. Amarelo. Era como se ele estivesse acalmando uma criança rabugenta. — Quer água?

— Não, obrigado. O que quero é que vocês três vão embora, então vou ser bem sincero. — Ele se perguntou se o sr. Amarelo sabia a regra mais básica do discurso humano: sempre que alguém dizia que ia ser sincero, na maioria dos casos a pessoa estava se preparando para mentir mais rápido do que um cavalo a galope. — Minha carteira está na cômoda do quarto. Tem pouco mais de oitenta dólares nela. Tem um bule de cerâmica em cima da lareira...

Ele apontou. O sr. Azul se virou para olhar, mas o sr. Amarelo, não. O sr. Amarelo continuou observando Rothstein, e os olhos por trás da máscara pareciam estar se divertindo. *Não está dando certo*, pensou Rothstein, mas ele persistiu. Agora que estava acordado, estava puto da vida, além de com medo, embora soubesse que era melhor não demonstrar nada disso.

— É onde guardo o dinheiro da faxineira. Cinquenta ou sessenta dólares. É tudo que tem na casa. Peguem e vão embora.

— Mentirosa de merda — disse o sr. Azul. — Você tem bem mais do que isso, cara. Nós sabemos. Pode acreditar.

E como se eles estivessem em uma peça e aquela fala fosse a deixa, o sr. Vermelho gritou do escritório:

— Bingo! Achei um cofre! E dos grandes!

Rothstein sabia que o homem de vermelho o encontraria, mas seu coração despencou mesmo assim. Era burrice guardar dinheiro vivo, não havia nenhum motivo para isso além de ele não gostar de cartões de crédito e cheques e ações e transferências, todos correntes tentadoras que prendiam as pessoas à máquina sufocante e destruidora do débito e crédito dos Estados Unidos. Mas o dinheiro talvez fosse sua salvação. O dinheiro podia ser substituído. Os cadernos, mais de cento e cinquenta, não.

— Agora, a combinação — disse o sr. Azul. Ele estalou os dedos enluvados. — Fale logo.

Rothstein estava quase com raiva suficiente para recusar. De acordo com Yolande, a raiva fora seu estado natural durante toda a vida (“Devia sentir raiva

desde o berço”, dizia ela), mas também estava cansado e com medo. Se negasse, eles arrancariam a combinação por meio de violência. Talvez até tivesse outro ataque cardíaco, e era quase certo que mais um acabaria com ele.

— Se eu der a combinação do cofre, vocês pegam o dinheiro e vão embora?

— Sr. Rothstein — disse o sr. Amarelo, com uma gentileza que pareceu genuína (e, portanto, grotesca) —, você não está em posição de barganhar. Freddy, vá buscar as bolsas.

Rothstein sentiu um sopro de ar frio quando o sr. Azul, também conhecido como Freddy, saiu pela porta da cozinha. O sr. Amarelo, enquanto isso, voltou a sorrir. Rothstein já detestava aquele sorriso. Aqueles lábios vermelhos.

— Vamos lá, gênio... entregue a combinação. Quanto mais cedo fizer isso, mais rápido tudo vai terminar.

Rothstein suspirou e recitou a combinação do cofre no armário do escritório.

— Trinta e um para a direita com duas voltas, três para a esquerda com duas voltas, dezotto para a esquerda com uma volta, noventa e nove para a direita com uma volta e de volta ao zero.

Por trás da máscara, os lábios vermelhos se esticaram mais, agora mostrando dentes.

— Eu podia ter adivinhado. É sua data de nascimento.

Enquanto Amarelo repetia a combinação para o homem no armário, Rothstein fez algumas deduções desagradáveis. O sr. Azul e o sr. Vermelho estavam ali pelo dinheiro, e o sr. Amarelo talvez pegasse uma parte, mas não acreditava que dinheiro fosse o objetivo principal do homem que insistia em chamá-lo de *gênio*. Como se para comprovar isso, o sr. Azul reapareceu, acompanhado de outro sopro de ar frio vindo de fora. Segurava quatro bolsas vazias, duas em cada ombro.

— Olhe — disse Rothstein para o sr. Amarelo, chamando a atenção do homem e sustentando o olhar dele. — Não faça isso. Não há nada no cofre que valha ser levado além do dinheiro. O resto é só um monte de rabiscos aleatórios, mas que são importantes para mim.

No escritório, o sr. Vermelho gritou:

— Jesus, Morrie! Nos demos bem! Caramba, tem um *monte* de dinheiro! Ainda nos envelopes do banco! Dezenas de envelopes!

Pelo menos sessenta, Rothstein poderia ter dito, *talvez até oitenta. Com quatrocentos dólares cada. De Arnold Abel, meu contador em Nova York. Jeannie paga as contas e traz o restante do dinheiro para casa nos envelopes, e eu os guardo*

no cofre. Mas tenho poucas despesas, porque Arnold também paga as contas maiores em Nova York. Dou gorjeta para Jeannie de tempos em tempos, e para o carteiro no Natal, mas, fora isso, quase não gasto o dinheiro. Tem sido assim por anos, e por quê? Arnold nunca pergunta o que eu faço com o dinheiro. Talvez ache que tenho um acordo com uma prostituta ou duas. Talvez pense que aposte nos cavalos em Rockingham.

E o mais engraçado, ele poderia ter dito para o sr. Amarelo (também conhecido como Morrie), é que eu nunca me questionei. Tanto quanto não me perguntei por que vou enchendo caderno atrás de caderno. Algumas coisas apenas são como são.

Ele poderia ter dito essas coisas, mas ficou em silêncio. Não porque o sr. Amarelo não fosse compreender, mas porque aquele sorriso sabichão de lábios vermelhos dizia que talvez compreendesse.

E que não se importaria.

— O que mais tem aí? — gritou o sr. Amarelo. Os olhos ainda estavam grudados nos de Rothstein. — Caixas? Caixas de manuscritos? Do tamanho que falei?

— Caixas não, cadernos — relatou o sr. Vermelho. — A porra do cofre está cheia de cadernos.

O sr. Amarelo sorriu, ainda olhando nos olhos de Rothstein.

— Escritos à mão? É assim que você trabalha, gênio?

— Por favor — pediu Rothstein. — Deixe os cadernos. O material não foi feito para ser visto. Não tem nada pronto.

— E nunca vai ter, é o que eu acho. Você não passa de um acumulador. — O brilho nos olhos dele, o que Rothstein pensava ser um brilho irlandês, tinha sumido. — E você nem precisa publicar mais nada, não é? Não há nenhum imperativo financeiro. Você tem os royalties de *O corredor*. E de *O corredor procura ação*. E de *O corredor reduz a marcha*. A famosa trilogia de Jimmy Gold. Nunca fora de catálogo. É trabalhada nas faculdades de toda a nossa grande nação. Graças a uma conspiração de professores de literatura que acham que existe Deus no céu e você e Saul Bellow na terra, você tem um público cativo de compradores universitários. Está tudo perfeito para você, não está? Por que correr o risco ao publicar uma coisa que pode manchar sua reputação brilhante? Você pode se esconder aqui e fingir que o resto do mundo não existe. — O sr. Amarelo balançou a cabeça. — Meu amigo, você dá um novo significado a ser exigente.

O sr. Azul ainda estava parado na porta.

— O que você quer que eu faça, Morrie?

— Vá ajudar Curtis. Coloque tudo nas bolsas. Se não houver espaço nas bolsas para todos os cadernos, olhe em volta. Até um bicho do mato que nem ele deve ter pelo menos uma mala. E não perca tempo contando o dinheiro. Quero sair logo daqui.

— Tudo bem.

O sr. Azul, Freddy, saiu.

— Não faça isso — pediu Rothstein, e ficou perplexo com o tremor na própria voz. Às vezes, ele esquecia a idade que tinha, mas não naquela noite.

O homem que se chamava Morrie se inclinou na direção dele, os olhos cinza-esverdeados espreitando pelos buracos na máscara amarela.

— Quero saber uma coisa. Se você for sincero, talvez a gente deixe os cadernos. Você vai ser sincero comigo, gênio?

— Vou tentar — disse Rothstein. — E eu nunca me chamei disso. Foi a revista *Time* que me chamou de gênio.

— Mas aposto que você nunca protestou.

Rothstein não disse nada. *Filho da puta*, estava pensando. *Filho da puta espertinho. Você não vai deixar nada, não é? Não importa o que eu diga.*

— O que quero saber é: por que você não deixou Jimmy Gold em paz? Por que esfregou a cara dele na lama daquele jeito?

A pergunta foi tão inesperada que, a princípio, Rothstein não fez ideia do que Morrie estava falando, apesar de Jimmy Gold ser seu personagem mais famoso, pelo qual ele seria lembrado (supondo que fosse lembrado por alguma coisa). A mesma história da matéria de capa da *Time* que se referira a Rothstein como gênio e chamara Jimmy Gold de “ícone americano de desespero em uma terra de fartura”. Pura bosta, mas fez seus livros serem vendidos.

— Se você quer dizer que eu devia ter parado em *O corredor*, você não está sozinho.

Mas quase, ele poderia ter acrescentado. *O corredor procura ação* solidificou sua reputação como um escritor americano de peso, e *O corredor reduz a marcha* foi o ponto alto de sua carreira: elogiado aos montes, permaneceu na lista de mais vendidos do *The New York Times* por sessenta e duas semanas. Ganhou também o National Book Award, mas ele nem apareceu à cerimônia. “A *Ilíada* dos Estados Unidos pós-guerra”, dissera a citação, se referindo não só ao último, mas à trilogia como um todo.

— Não estou dizendo que você devia ter parado em *O corredor* — disse Morrie. — *O corredor procura ação* é tão bom quanto o primeiro livro, talvez até melhor. Eles eram *verdadeiros*. Foi aquele último. Caramba, que grande bosta. Propaganda? Falando sério, *propaganda*?

O sr. Amarelo fez algo que deu um nó na garganta de Rothstein e transformou seu estômago em chumbo. Lentamente, de forma quase contemplativa, ele tirou a balaclava amarela, revelando um jovem com a aparência clássica de um irlandês de Boston: cabelo ruivo, olhos esverdeados, pele branca leitosa que sempre ficaria queimada, nunca bronzeada. E os lábios vermelhos esquisitos.

— Casa no *subúrbio*? *Ford sedã* na garagem? Mulher e dois *filhinhos*? Todo mundo se vende, era isso que você estava tentando dizer? Todo mundo toma o veneno?

— Nos cadernos...

Havia mais dois livros de Jimmy Gold nos cadernos, era isso que ele queria dizer, e os dois fechavam a história. No primeiro, Jimmy enxergava o vazio da vida no subúrbio e abandonava a família, o emprego e a casa confortável em Connecticut. Ele ia embora a pé, só com uma mochila e as roupas do corpo. Tornava-se uma versão mais velha do garoto que largara a escola, rejeitara a família materialista e decidira entrar para o exército depois de um fim de semana regado a bebida em Nova York.

— O que tem nos cadernos? — perguntou Morrie. — Vamos lá, gênio, fale. Me conte por que você derrubou e pisou na cabeça do Jimmy.

Em O corredor vai para o oeste, *ele volta a ser ele mesmo*, Rothstein teve vontade de dizer. *A ser seu eu essencial*. Só que agora o sr. Amarelo tinha mostrado seu rosto e estava tirando a pistola do bolso direito da jaqueta xadrez. Ele parecia pesaroso.

— Você criou um dos personagens mais importantes da literatura americana, depois o destruiu — disse Morrie. — Um homem capaz de fazer isso não merece viver.

A raiva surgiu como uma doce surpresa.

— Se você acha isso — disse John Rothstein —, não entendeu uma palavra do que escrevi.

Morrie apontou a pistola. O cano parecia um olho negro.

Rothstein apontou um dedo torto de artrite para Morrie como se fosse sua própria arma e sentiu satisfação quando viu o homem piscar e se remexer, desconfortável.

— Não me venha com sua crítica literária imbecil. Eu já encarei uma tonelada delas antes mesmo de você nascer. Quantos anos você tem, afinal? Vinte e dois? Vinte e três? O que sabe da vida, o que sabe de literatura?

— O bastante para saber que nem todo mundo vende. — Rothstein ficou estupefato de ver lágrimas nos olhos irlandeses. — Não venha me dar um

sermão sobre a vida, não depois de ter passado os últimos vinte anos escondido do mundo como um rato.

Aquela velha crítica, “Como você ousa abandonar a fama?”, transformou a raiva de Rothstein em fúria, o tipo de fúria que destruía coisas de vidro e quebrava mobília, o tipo que Peggy e Yolande teriam reconhecido. E ele ficou feliz. Era melhor morrer em fúria do que se acovardando e suplicando.

— Como você vai transformar meu trabalho em dinheiro? Já pensou nisso? Suponho que sim. Suponho que você saiba que daria no mesmo tentar vender um caderno roubado de Hemingway ou um quadro de Picasso. Mas seus amigos não são tão estudados quanto você, não é? Vejo pelo jeito que falam. Eles sabem o que você sabe? Tenho certeza de que não. Mas você fez promessas falsas a eles. Inventou uma pizza imaginária enorme e disse que cada um podia ficar com uma fatia. Acho que você é capaz disso. Acho que você tem um mar de palavras à disposição. Mas acredito que esse mar seja raso.

— Cala a boca. Você parece a minha mãe.

— Você não passa de um ladrãozinho comum, meu amigo. E que burrice é roubar o que nunca vai poder vender.

— Cala a boca, gênio, estou avisando.

Rothstein pensou: *E se ele puxar o gatilho?* Seria o fim dos comprimidos. O fim dos arrependimentos e dos montes de relacionamentos desfeitos, que ficaram pelo caminho como carros quebrados. O fim da escrita obsessiva, de acumular caderno atrás de caderno como pilhas de cocô de coelho espalhadas por uma trilha no bosque. Uma bala na cabeça não devia ser tão ruim. Melhor do que câncer ou Alzheimer, o grande horror de qualquer um que passou a vida usando o cérebro como ganha-pão. Claro que haveria manchetes, e já tivera muitas antes mesmo da porcaria da história da *Time*... *Mas, se ele puxar o gatilho, eu não vou ter que lê-las.*

— Você é burro. — De repente, ele estava em um tipo de êxtase. — Se acha mais inteligente do que aqueles dois, mas não é. Pelo menos, eles entendem que dinheiro pode ser gasto. — Ele se inclinou para a frente e olhou para o rosto pálido e cheio de sardas. — Quer saber, garoto? São caras como você que fazem a má fama dos leitores.

— Último aviso — disse Morrie.

— Foda-se o seu aviso. E foda-se a sua mãe. Ou você atira em mim, ou sai da minha casa.

Morris Bellamy atirou nele.